

# Greve britânica na refinaria Lindsey:



Cartaz com a frase "trabalho britânico para trabalhadores britânicos"

greve  
xenófoba

ou greve  
exemplar?



Assembléia dos trabalhadores do sindicato Unite

JOSÉ MORENO PAU

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DOS TRABALHADORES (PRT) - ESPANHA

A greve dos trabalhadores terceirizados da refinaria de petróleo da Lindsey Oil, no norte de Inglaterra, deu lugar a duas visões diametralmente opostas sobre a mesma. Para as organizações que defendem a greve, esta foi exemplar e negam seu caráter xenófobo, acusando os que não compartilham de sua posição de acreditar nas mentiras e na campanha da imprensa burguesa.

Consideramos ser necessária uma resposta pública, mais ainda por vermos que os conflitos deste tipo não acabaram com o fim desta greve, outras apareceram na Inglaterra com os mesmos lemas. Os sindicalistas dirigentes já haviam avisado que este era só o começo. Com a crise econômica, estão crescendo a xenofobia (o rechaço aos estrangeiros) e o racismo. Ante o aumento do desemprego e das demissões, os primeiros que pagam a conta do capitalismo são os setores mais débeis, os trabalhadores imigrantes, os precarizados, as mulheres. A resposta ao problema do desemprego e dos germes xenófobos é fundamental para combater os ataques patronais. Neste artigo queremos analisar se a resposta dos sindicalistas da Lindsey Oil foi correta ou não, como pretendem seus defensores, e quais são as propostas que podem servir para unir o conjunto dos trabalhadores em defesa de seus postos de trabalho<sup>1</sup>.

## A greve na refinaria

A greve dos trabalhadores britânicos da construção civil da Lindsey Oil, iniciada no fim de janeiro, estendeu-se a várias fábricas de outras cidades. Um dos defensores da greve, Bill Mullins do Partido Socialista (Grã Bretanha), afirma que:

TRADUÇÃO  
MARCOS  
MARGARIDO

<sup>1</sup> Este artigo é uma reelaboração do que foi publicado no Opinião Socialista, jornal do PSTU.

## Pontos de vista

---

A negociação entre o comitê de greve da refinaria Lindsey e a companhia de petróleo Total, proprietária da refinaria, estabeleceu uma referência para dezenas de outros centros de trabalho na Grã Bretanha e, de fato, em toda Europa. Esta heroica luta de 1000 trabalhadores, além de engenheiros civis da refinaria (apoiada ainda por greves em mais de 20 fábricas), que trabalhavam em diferentes contratos da planta no norte de Lincolnshire, terminou com uma vitória dos trabalhadores.

A causa da greve foi a contratação de 195 trabalhadores estrangeiros, neste caso portugueses e italianos. A notícia foi passada por uma empreiteira inglesa que anunciou a demissão de trabalhadores a partir de 17 de fevereiro, porque a refinaria havia concedido a construção de uma Unidade a outra “terceira”, neste caso a italiana IREM, que traria seus próprios trabalhadores da Itália e Portugal. Os trabalhadores, com os sindicalistas de base da subcontratada pela refinaria, impuseram uma greve sem aviso prévio (como lhes acusou a direção do sindicato), considerada ilegal na Inglaterra. A greve foi realizada ocupando-se a refinaria e com diversas mobilizações. Os grevistas exigiram a contratação de trabalhadores ingleses. A bandeira dos grevistas *trabalho britânico para trabalhadores britânicos* ficou conhecida em todo o mundo. O conflito terminou após o acordo de contratar 102 trabalhadores ingleses.

Segundo o porta-voz do sindicato, a greve “*é contra as companhias estrangeiras que discriminam os trabalhadores ingleses. É uma luta por nosso direito ao trabalho, não uma luta racista*”. Este é o argumento que o Partido Socialista (CWI) e a Corrente Marxista Internacional de Alan Woods defendem. Insistem, todos eles, que, além disso, houve um chamado aos trabalhadores estrangeiros para se unirem à greve a fim de exigirem as mesmas condições de trabalho que os ingleses. A multinacional Total e a contratada da obra em questão, a italiana IREM, assim como o governo britânico, dizem que as condições de trabalho dos trabalhadores estrangeiros eram iguais às dos trabalhadores ingleses e que os italianos e portugueses haviam sido contratados porque não se encontrava trabalhadores especializados locais. É provável que as multinacionais e o governo de Gordon Brown tenham mentido para minar a greve, porque de fato há três sentenças judiciais que permitem a contratação de trabalhadores estrangeiros com salários dos países de origem. Também sabemos que os trabalhadores italianos e portugueses dessa obra vivem num barco da companhia.

Os defensores da greve **minimizam a importância do uso das palavras de ordem xenófobas utilizadas**, que eles próprios rechaçam abertamente. Afirmam que a plataforma aprovada por parte da assembleia de trabalhadores, proposta por um militante do Socialist Party, não incluía o lema de *trabalho britânico para trabalhadores britânicos* e que era a favor de todos os trabalhadores. Que houve faixas em italiano chamando estes trabalhadores a participar da greve, etc. Todos os argumentos que esgrimem em seu texto podem ser verificados. No entanto, dizem que nos primeiros dias não havia direção e que os trabalhadores utilizaram estas consignas de forma espontânea, e acabam reconhecendo que a xenofobia existia, mas, graças à sua intervenção, não se fortaleceu.

Alistair Tice, do Partido Socialista (CWI da Inglaterra e País de Gales), declara em 13 de fevereiro de 2009 ao final de seu artigo que:

Se o Partido Socialista não houvesse participado ativamente nesta greve, haveria o risco de que tais atitudes fossem fortalecidas. No lugar disso, conseguiu-se uma maravilhosa vitória que firma as bases da sindicalização dos trabalhadores estrangeiros e fortalece a unidade de classe.

Esta tese é defendida por Rob Sewell, editor do Socialist Appeal (da corrente de Alan Woods): “Os representantes sindicais negaram-se a unir-se à campanha racista da imprensa amarela” (A greve na Lindsey e as mentiras dos meios de comunicação).

Em resumo, para seus defensores estas não eram greves racistas nem xenófobas e foram feitas contra o rebaixamento social (a possibilidade de que empresas utilizem mão de obra mais barata em concorrência desleal às demais), defendem os direitos dos trabalhadores imigrantes, querem que não sejam explorados, defendem seus direitos sindicais e, além disso, são um exemplo para todos os trabalhadores europeus. Se houve alguma palavra de ordem xenófoba foi porque não há greves puras, por confusão dos grevistas ou simplesmente para ironizar Gordon Brown (primeiro-ministro britânico e chefe do Partido Trabalhista).



**Foi uma greve xenófoba, tanto pelo uso e pelas consequências destas palavras de ordem como pelos objetivos e resultados da greve**

JOSÉ MORENO PAU



### **Trabalho britânico para trabalhadores britânicos**

Algo no que todos coincidimos é que as razões de fundo da greve são os estragos que a crise econômica está produzindo: o crescimento do desemprego, fechamentos de fábricas e demissões na indústria britânica.

Enquanto as organizações defensoras da greve minimizavam o uso da bandeira xenófoba, como sendo algo de poucos trabalhadores exagerada pela imprensa burguesa, organizou-se um recolhimento de assinaturas (cerca de 2000) entre sindicalistas contra a mesma. O fato de que se recolhesse assinaturas mostra o peso que a bandeira xenófoba obteve entre um setor importante dos trabalhadores.

O problema é que, por mais que se queira enfeitar, **foi uma greve xenófoba, tanto pelo uso e pelas consequências destas palavras de ordem como pelos objetivos e resultados da greve.**

A palavra de ordem de *trabalho britânico para trabalhadores britânicos* foi emprestada de um lema que o próprio Gordon Brown copiou do ultradireitista BNP (Partido Nacional Britânico). Outras palavras de ordem utilizadas pelos grevistas exigiam “escolher os trabalhadores ingleses primeiro, ou os estrangeiros nos tiram o trabalho”. Estas bandeiras são as mesmas utilizadas pelas organizações ultradireitistas em toda a Europa.

Esta bandeira não foi apenas agitada na greve da Lindsey e em outras



## Pontos de vista

---

posteriores, mas chegou a ter consequências diretas contra os trabalhadores imigrantes. Uns 20 trabalhadores portugueses e 80 italianos viviam numa barcaça fornecida pela empresa com restaurante, bar e outros serviços: um piquete de trabalhadores da refinaria Lindsey foi à barcaça onde os imigrantes se encontravam para dizer-lhes rudemente que voltassem a seus países. Os trabalhadores imigrantes contavam que sofriam a rejeição da população e sentiam medo das pessoas da região, em razão do qual iam pouco à cidade. Além disso, as palavras de ordem usadas pelos grevistas da Lindsey Oil não só não desapareceram com o fim da greve, mas continuaram a ser utilizadas em algumas que se seguiram em outras partes do país.

### **Que pediam os trabalhadores em greve e o que conseguiram?**

Como dizíamos no início deste artigo, a exigência era a contratação de trabalhadores ingleses. Vejamos o resultado da greve inglesa, que estes trabalhadores ingleses e seus defensores consideraram um triunfo: dos 198 contratados para essa obra, 102 seriam ingleses sindicalizados. O seja, 102 trabalhadores italianos e portugueses que estavam a ponto de firmar o contrato ficaram sem este posto de trabalho por não serem ingleses.

É um fato que a burguesia utiliza mão de obra imigrante para rebaixar os salários e as conquistas dos trabalhadores. A parte não aprovada da lei Bolkstein, que permite contratar trabalhadores de outros países da União Europeia com os salários do país de origem, tem sido aplicada em várias empresas graças a sentenças judiciais.

**Mas a oposição à discriminação salarial dos trabalhadores imigrantes não foi o eixo desta greve, nem de outros protestos posteriores, e sim a exigência de contratar mão de obra britânica.** “É um escândalo - diz um comunicado -, e ainda mais nas atuais circunstâncias econômicas. Não temos nada contra os trabalhadores de outros países, mas sim que os ingleses não possam competir com eles em igualdade de condições”.

Se em Lindsey os questionados eram trabalhadores portugueses e italianos, em Staythorpe são espanhóis, subcontratados pela firma francesa Alston para construir uma turbina. Os principais sindicatos do setor falam de 850 postos de trabalho em jogo e pedem que se repartam com os ingleses. “Claramente, não têm intenção de contratar ninguém. Fizemos os contratos fora, com empregados que não são ingleses, mas cremos que há mão de obra local disponível”, declarou à BBC o representante do sindicato Unite, Steve Syson. “Queremos transparência e ver quanto foi pago aos contratados estrangeiros”, completou.

Queremos enfatizar que a exigência de saber se ganhavam o mesmo que os trabalhadores ingleses apareceu como uma reivindicação posterior ao início da greve, e nunca foi o centro da mesma. Poderíamos perguntar-lhes, se fosse comprovada a igualdade salarial, ou se hipoteticamente ganhassem mais, o conflito teria terminado? Cremos que não.

### **Uma falsa comparação**

Após a publicação de um artigo de minha autoria denunciando o caráter racista da greve da Lindsey Oil em seu jornal, o PSTU recebeu uma carta de um militante do PSOL filiado à corrente do Partido Socialista britânico.

Em seu afã de buscar argumentos a favor de seu apoio à greve inglesa, a carta compara essa greve com a dirigida pela CONLUTAS em São José dos Campos, no Brasil.

O próprio sindicato dos metalúrgicos de São José dos Campos e região, onde o PSTU tem maioria na direção, protagonizou o ano passado uma heroica luta contra a tentativa da General Motors de contratar 600 novos trabalhadores temporários com menos direitos e com salários inferiores em relação aos demais trabalhadores da empresa. Essa mobilização enfrentou uma brutal ofensiva unificada dos patrões, do município, da igreja e dos meios de comunicação, que acusavam o sindicato de estar contra a geração de empregos e o desenvolvimento da região. O sindicato e os trabalhadores resistiram até o final e conseguiram arrancar mais direitos, embora não o ideal, para os novos trabalhadores contratados.

Mas a greve da Lindsey Oil não foi uma luta como a do Brasil, pela igualdade de direitos, e sim **para que fossem contratados outros trabalhadores, os ingleses**, que, segundo os sindicalistas ingleses, estavam sendo discriminados tanto pela empresa IREM quanto pela Alston. Além disso, o sindicato dos metalúrgicos de São José travou uma dura batalha para manter os níveis salariais e direitos de **todos** os trabalhadores, que a GM queria rebaixar sob o pretexto de garantir a contratação de novos empregados, num embate que durou meses.

### **Um bom negócio para os governos europeus**

O governo britânico, à raiz da greve xenófoba da Lindsey Oil exigiu das instituições da União Europeia que a regulamentação dos trabalhadores deslocados fosse modificada em benefício dos trabalhadores locais. Isto facilitará ainda mais a discriminação, da qual já são objeto os imigrantes.

Os governos dos países imperialistas europeus, perante este caso, fizeram discursos demagógicos defendendo a livre circulação de trabalhadores **europeus** e contra a xenofobia e o racismo. Na realidade são os responsáveis pela extensão do racismo ao fomentar legislações de estrangeiros que produzem de fato cidadãos de segunda categoria. São os que estão realizando expulsões de imigrantes, inclusive de residentes da União Europeia (como o governo de Berlusconi com os romenos). O que lhes interessa é que as empresas possam contratar os trabalhadores que queiram com os salários mais baixos. Esta greve lhes vem mal nesse sentido, mas lhes ajuda a dividir os trabalhadores. Seu objetivo é evitar a possibilidade de uma mobilização de conjunto da classe operária europeia contra a crise.

### **As burocracias sindicais contra a unidade da classe operária**

Os sindicalistas ingleses que impulsionaram a greve das refinarias contribuíram para dividir os trabalhadores europeus mais que as leis de estrangeiros. O perigo do “nacionalismo”, que dizem ter sido detido nesta mobilização, será fortalecido enquanto greves contra a contratação de trabalhadores de outros países forem realizadas, e facilita que o fascismo finque o pé entre os trabalhadores ingleses. Foi normal que o BNP festejasse esta greve. Seu exemplo pode propagar-se para outros países, levando ao enfrentamento entre



## Pontos de vista

---

os trabalhadores de cada país contra os dos demais. Na Itália, chegou-se a afirmar que os trabalhadores ingleses que estão em solo italiano deveriam ser retirados. Os sindicatos ingleses exigem medidas protecionistas para os trabalhadores ingleses, o que significa discriminar os trabalhadores estrangeiros, inclusive, como neste caso, também os de outros países da União Europeia. Na Espanha, as Comissões Operárias (CCOO) e a União Geral dos Trabalhadores (UGT) aceitam a discriminação de trabalhadores imigrantes que não tenham visto de residência de longa duração. É nefasto o papel da burocracia sindical nestes anos, ao utilizar argumentos como os de defender as condições de trabalho dos trabalhadores locais, promovendo assim o corporativismo e a compartimentação dos trabalhadores.

A lógica adotada pela burocracia sindical leva primeiro a discriminar os imigrantes, mas depois leva à exigência de que não se contrate trabalhadores que não sejam da própria cidade, em outros lugares, ou que se demita os trabalhadores terceirizados, por não fazerem parte do quadro de pessoal, ou que se demita os trabalhadores precarizados porque não têm as mesmas garantias salariais e de trabalho que os trabalhadores fixos, depois serão os desta ou daquela idade, ou, por que não, é o homem que deve ter o direito ao trabalho por ser o cabeça da família...

Por isso não nos surpreende o papel da direção sindical relatado por Rob Sewell, da Tendência Marxista Internacional de Alan Woods:

Mas surpreendentemente, o secretário geral do sindicato UNITE, Derek Simpson, aceitou posar para o Daily Star, rodeado por duas mulheres jovens vestindo camisetas com o nome do jornal e com cartazes com os dizeres: *trabalho britânico para os trabalhadores britânicos*. Esse mesmo dia, os fotógrafos do Daily Star e as mulheres em questão estiveram no piquete de greve, mas os grevistas deixaram claro que não eram bem-vindos.

Para Sewell, o dirigente sindical deixou-se utilizar e a imprensa manipulou. Para nós, o que fez foi relacionado à sua trajetória, porque defender as bandeiras xenófobas é a consequência lógica de anos fomentando a divisão entre os trabalhadores. Alguns, como Simpson, o fizeram abertamente, enquanto outros de forma envergonhada.

A amplitude das palavras de ordem xenófobas é o resultado de que, não só não foram combatidas pelas burocracias sindicais, mas também que ajudam a enraizar tais questões com sua política. As mensagens racistas e xenófobas acabam entrando nas filas operárias por meio de argumentos como a aceitação de salários e condições de trabalho inferiores à dos trabalhadores nacionais pelos imigrantes, como se os aceitassem por gosto, como se tivessem liberdade de escolha.

A exigência de contratar trabalhadores e realizar greves e ocupações de empresas para consegui-lo é uma ação operária de grande importância e que obteve êxitos em muitas ocasiões. É provável que seja uma prática que se estenda neste tempo de crescimento do desemprego. Mas, se for feita contra outros trabalhadores pelo fato de serem estrangeiros, perde todo caráter de classe: divide os trabalhadores por nacionalidades e acaba fomentando a



opressão do setor mais fraco dos trabalhadores, os imigrantes.

A isto podemos adicionar a concorrência que a burocracia e os patrões fomentam pelos postos de trabalho, inclusive de país a país. Assim, nas multinacionais as burocracias de cada lugar dedicam-se a negociar o número de demissões que lhes cabe, em vez de unir os trabalhadores das fábricas dos diferentes países para impedir as demissões numa luta conjunta. Esta divisão entre os trabalhadores só facilita a aplicação de demissões e cortes de direitos pelos empresários.

### Uma resposta de classe ao desemprego

Nós preferimos defender outros exemplos de luta nos quais a defesa dos postos de trabalho foi realizada acima das fronteiras. Assim estão fazendo os trabalhadores da *General Motors* de São José dos Campos no Brasil, ao divulgar a necessidade de organizar uma resposta do conjunto de fábricas da GM no mundo. Os trabalhadores da *Continental* (fabricante de pneus e autopeças) da França e da Alemanha, que se uniram em 23 de abril de 2009 contra a ameaça de fechamento de uma fábrica em cada país. Os trabalhadores da fábrica francesa viajaram 12 horas para se unirem a seus companheiros alemães e reivindicar conjuntamente a defesa de seus postos de trabalho.

Para que uma resposta de classe seja concretizada, os trabalhadores europeus terão que enfrentar a xenofobia que os governos e as burocracias sindicais estão fomentando, já que os problemas dos trabalhadores são os mesmos em todos os países. Esconder ou minimizar a falsa consciência dos setores mais atrasados dos trabalhadores é o que as correntes defensoras da greve da Lindsey Oil estão fazendo, e com isso capitulam às bandeiras xenófobas.

Combater a xenofobia e o racismo entre os trabalhadores não se faz apenas com discursos, mas oferecendo soluções de classe contra os efeitos da crise. Para combater o desemprego é necessário mobilizar-nos para conseguir trabalhar menos, a fim de que todos trabalhem sem redução de salários; é a palavra de ordem que o Programa de Transição da IV Internacional defende contra o desemprego: **a escala móvel de horas de trabalho**.

Deveria ser dito aos trabalhadores ingleses que sua luta por postos de trabalho é justa, mas sem contrapô-la à contratação de trabalhadores de outros países. As exigências devem ser feitas contra os patrões e seu governo, exigindo em primeiro lugar a **estabilidade no emprego, planos de obras públicas e redução de jornada**. Se a extensão do apoio à greve fosse feita com estas reivindicações, a greve teria o apoio de todos os trabalhadores europeus. Então, uma coordenação das lutas por emprego poderia abarcar o conjunto da classe trabalhadora e coordenar-se internacionalmente.

A única garantia para defender os postos de trabalho é a **unidade de todos os trabalhadores**, sejam do país que forem. Para isso, temos que exigir a igualdade salarial e de direitos trabalhistas, sindicais e políticos a todos os trabalhadores. Isto significa também que devemos lutar para que os imigrantes “ilegais” possam regularizar sua situação.

As exigências de alguns sindicatos de proibir as contratações no país de origem dos emigrantes beneficia os governos, que querem aproveitar estes tempos de crise para impor legislações que determinem os fluxos migratórios



de que a crise econômica seja paga pelos capitalistas e não pelos trabalhadores.

## O que diz o CWI?

Apresentamos abaixo trechos do artigo *Construction workers' strike scores victory at Lindsey oil refinery*, de autoria de Bill Mullins, publicado no jornal *The Socialist*, órgão de imprensa do Partido Socialista (CWI<sup>1</sup> da Inglaterra e País de Gales).



Dirigente do Unite e a campanha do jornal Daily Star

### A greve dos operários da construção consegue a vitória na refinaria de petróleo Lindsey

Bill Mullins

A negociação entre o comitê de greve da refinaria Lindsey e a companhia de petróleo Total, proprietários da refinaria, estabeleceu uma referência para dezenas de outros centros de trabalho na Grã Bretanha e, de fato, em toda Europa. Esta heroica luta de 1000 trabalhadores, além de engenheiros civis da refinaria (apoiada ainda por greves em mais 20 fábricas) que trabalhavam em diferentes contratos por toda a planta no norte de Lincolnshire, terminou com uma vitória dos trabalhadores.

Foi uma vitória sobre os chefes da Total (a empresa petrolífera francesa proprietária da fábrica), mas também sobre todo o regime neoliberal que opera na União Europeia. O processo expôs a irrelevância das leis antissindicais quando as massas de trabalhadores vão à greve. Os operários garantiram 102 dos 198 postos de trabalho disponíveis nesse contrato de construção de uma nova unidade (HDS3) dentro da refinaria.

Como Keith Gibson explicava em seu artigo da semana passada no *The Socialist*: “A empreiteira original Shaw’s foi avisada que havia perdido uma parte do trabalho em favor de uma empresa italiana, IREM, que traria sua própria força de trabalho da Itália e de outros lugares”.

Como resultado, a Shaw’s afirmou aos delegados sindicais que alguns dos

1 CWI: Sigla em inglês da organização internacional *Comitê por uma Internacional Operária*.



trabalhadores sindicalizados ficariam disponíveis a partir de 17 de fevereiro, para dar lugar aos trabalhadores italianos.

O importante aqui não era o fato de serem italianos ou portugueses, mas que não fariam parte do “**Acordo Nacional para a Indústria de Construção e Engenharia**” (NAECI). Por quê? Porque, sob as leis da UE, respaldadas pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, isto seria visto como uma “restrição no comércio” e, portanto, contra a liberdade de movimento de trabalho e capital consagrada nos regulamentos e regras do clube capitalista da UE...

A imprensa ressaltou a palavra de ordem *trabalho britânico para trabalhadores britânicos*, utilizado por alguns grevistas nas manifestações. Ela não viu (e como se poderia esperar outra coisa da raivosa imprensa capitalista) que o caso dos grevistas é simples: estavam sendo excluídos de seus trabalhos por uma manobra dos patrões sob a fachada do “direito de movimento do trabalho e do capital sem restrições por toda a UE”.

Como dissemos no editorial do *The Socialist* da semana passada, “nenhum movimento operário é quimicamente puro. Elementos de confusão, e inclusive ideias reacionárias, podem existir e existiram nestas greves. No entanto, o objetivo fundamental desta luta se dá contra o ‘nivelamento por baixo’, pela manutenção das condições e de salários negociados pelos sindicatos nestes imensos polos de construção”.

As leis e orientações unilaterais existentes dão carta branca aos empresários para obrigar os operários a trabalhar por salários menores e em piores condições nos “países hóspedes”, desde que as condições mínimas de seus países de origem sejam cumpridas.

Eles não precisam ser sindicalizados e estava claro que os trabalhadores da IREM não eram, nem na Itália nem em outro país. A líder da Confederação de Sindicatos Italianos CGIL, Sabrina Petrucci, disse ao *Morning Star* (6 de fevereiro) que a IREM é conhecida por não reconhecer os sindicatos.

Mas a luta era muito mais que tudo isso. Era a luta pelo controle do local de trabalho por parte dos próprios trabalhadores. Se os diretores da Total, como proprietários da fábrica, e a empreiteira italiana, IREM, tivessem o caminho livre, teriam enfiado uma grande cunha nestes elementos de controle operário que haviam sido arrancados da direção da fábrica durante a etapa anterior.

Parte do acordo, o que é um avanço importante, permite aos delegados sindicais comprovar que os postos de trabalho ocupados por italianos e portugueses estão cobertos pelas mesmas condições que protegem os trabalhadores locais sob o NAECI (A Lindsey é conhecida como um local *blue book*<sup>2</sup>).

Isto significa, na prática, que os trabalhadores sindicalizados trabalharão ao lado dos trabalhadores italianos empregados pela IREM e que serão capazes de “auditar” sua situação. Esta era uma demanda fundamental dos grevistas quando eles adotaram uma pauta de reivindicações durante suas reuniões, incluindo que “todos os trabalhadores de Grã Bretanha sejam cobertos pelo NAECI e que todos os trabalhadores imigrantes sejam sindicalizados”.

Como uma salvaguarda extra para manter a organização sindical nas fábricas, os grevistas também aceitaram a petição do comitê de greve para criar “um registro dos desempregados e dos membros sindicalizados qualificados, controlado pelo sindicato”.

2 Blue book: literalmente *livro azul*, refere-se à cor da capa da encadernação do acordo coletivo de trabalho NAECI. Isto é, os trabalhadores de uma fábrica *blue book* estão cobertos pelo acordo.

## Pontos de vista

---

Isto é exatamente o que os capitalistas não querem e que, desde seu ponto de vista é, verdadeiramente, uma “restrição ao comércio”, isto é, ao seu direito de explorar a força de trabalho sem que os sindicatos possam dizer nada.

O acordo também garante que os delegados sindicais da planta possam controlar a empresa italiana em reuniões regulares de coordenação.

Na década de 1970 alguns dos centros de trabalho melhor organizados, eram de fato *closed shops*<sup>3</sup>, tanto pré-emprego quanto pós-emprego. O que os grevistas da Lindsey pedem de forma bastante acertada é uma espécie de *closed shop* pré-emprego. Isto significa que, se os empreiteiros necessitam de mais trabalhadores, terão que se dirigir ao sindicato para contratá-los, a partir de seu registro de desempregados. Em outras palavras, o desempregado deve ser sindicalizado para estar no registro e poder ser contratado.

A alternativa ao controle sindical sobre “contratar e demitir” é que os patrões tenham esse direito e, neste caso, a quem darão emprego? Não aos ativistas sindicalizados! Como é habitual, existe uma “lista negra” feita pelos patrões amplamente utilizada na indústria.

### A esquerda

Para sua vergonha, uma parte da esquerda foi totalmente absorvida pelas manchetes da imprensa capitalista durante a disputa, que destacou os aspectos da luta pelo *trabalho inglês para trabalhadores ingleses*...

A crise econômica amedrontou os trabalhadores, não só pela perda de seus empregos hoje, mas também pelos empregos de seus filhos no futuro. Anteriormente era possível para os trabalhadores conseguir trabalho em outras fábricas.

Uma característica do período anterior eram as “listas negras” de ativistas, o que levava a batalhas localizadas nos locais de trabalho para determinar quem dirigia as fábricas - as gerências ou os sindicatos?

Agora todos os 25000 operários qualificados na construção de grandes projetos de engenharia, tais como refinarias petrolíferas e centrais elétricas, são cada vez mais conscientes de que as coisas estão mudando. De fato, cerca de 1500, pelo menos, estão desempregados...

Os políticos capitalistas, como o Ministro do Trabalho Pat McFadden, queixaram-se de que o princípio de livre circulação estava sendo rompido pelo acordo. Referia-se à “liberdade” para os patrões de mover trabalhadores por todo o continente, escondendo-se sob as leis da UE respaldadas pelos tribunais (e contra os interesses dos trabalhadores) para minar a organização sindical.

Esta “liberdade” foi de fato rasgada pela greve que golpeou o processo de “nivelamento por baixo” e introduziu uma maior igualdade de condições.

O que surge agora é a maior necessidade de coordenação entre todos os sindicatos europeus e especialmente entre as organizações de base, tanto no local de trabalho quanto em âmbito nacional e, de fato, em toda a Europa, para unirem-se numa campanha maciça de difusão da vitória dos trabalhadores da refinaria Lindsey por todo o país e a UE.

3 Closed shop: literalmente *fábrica fechada*: empresa onde todos os seus trabalhadores são sindicalizados, por força de acordo coletivo.



# Mais uma face do dilema da humanidade: socialismo ou catástrofe ambiental

GILBERTO MARQUES<sup>1</sup> e INDIRA ROCHA MARQUES<sup>2</sup>

A cada dia, aproximadamente 25 espécies desaparecem da Terra. Isso não é observado com facilidade por se tratarem de plantas e insetos. Contudo, o espectro da extinção ronda também corais, florestas, leões, onças, pandas, baleias, macacos, rinocerontes, peixes e aves diversas. Ondas de desaparecimento já ocorreram anteriormente. A mais conhecida foi a que envolveu a extinção dos dinossauros. A diferença é que o caso atual decorre fundamentalmente da ação humana. Segundo o relatório da União Mundial de Conservação, uma em cada três espécies de anfíbios corre o risco de extinção. Para os mamíferos, a proporção é de uma a cada quatro, uma em cada oito espécies de pássaros e 70% das plantas estão nesta situação. Essa realidade já levou o relatório de 2001 do Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP) a concluir que “*a humanidade vem saqueando a terra*”.

Para o Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas da ONU (IPCC, sigla em inglês), a temperatura média na Terra até o fim do século atual deve subir entre 1,8°C e 4°C, colocando em risco a vida no planeta. Segundo este órgão, a elevação da temperatura terrestre em 5°C poderia fazer a Floresta Amazônica reduzir-se em mais de 50%. As emissões de gás carbônico (CO<sub>2</sub>) são a principal causa do aquecimento global.

A região que mais tem sofrido com o aquecimento é o Ártico, que vem derretendo a uma velocidade muito acima da normal, ameaçando a existência

1 Militante do PSTU, doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (UFRRJ) e professor da UFPA.

2 Doutora em geografia pela UFRJ.

## Pontos de vista

---

de esquimós, ursos polares e outras espécies. Informações dos submarinos nucleares dos EUA apontam que a quantidade de gelo (em extensão e espessura) nesta região diminuiu 42% entre 1958 e 1997. A diminuição do gelo no Ártico já fez desaparecer uma grande banquisa que se formava no mar da Groelândia.

O mesmo acontece com as geleiras formadas nas cordilheiras (cadeias de montanhas) do planeta. Uma pesquisa feita em 30 geleiras de nove cordilheiras do mundo demonstrou que entre 2004 e 2006 a média de derretimento mais que dobrou. Na Antártida, um bloco de gelo de 400 km<sup>2</sup> está desprendendo-se da plataforma de Wilkins. Isso indica que esta plataforma de 13 mil km<sup>2</sup> está desaparecendo. O derretimento do gelo do planeta implicará na elevação dos oceanos e no avanço destes sobre os continentes, destruindo comunidades e cidades localizadas nas áreas litorâneas mais baixas.

### **A proposta de desenvolvimento sustentável**

Desde o final dos anos 1960 abriu-se uma forte discussão sobre a problemática ambiental e as medidas para sua solução. O relatório do Clube de Roma e a Conferência de Estocolmo (Suécia) promovida pela ONU, ambos de 1972, defenderam que se deveria limitar o crescimento econômico como forma de reduzir a degradação ambiental. Aos países industrializados, isso significava manter sua condição de nações economicamente dominantes. Os países subdesenvolvidos foram contrários porque queriam incrementar seu crescimento econômico e industrializar-se. Entre outras coisas, o que estava em questão era o direito ou não de uma nação explorar seus recursos de acordo com seus objetivos.

Em 1973, o diretor de meio ambiente das Nações Unidas, Maurice Strong, apresentou o conceito de ecodesenvolvimento que subsidiou a elaboração das propostas de desenvolvimento sustentável: crescimento econômico com preservação ambiental e solidariedade entre os países. Aos poucos, esta noção de desenvolvimento sustentável foi originando diversas interpretações, que em geral acreditam ser possível construir um modelo de desenvolvimento capitalista que respeite o meio ambiente. Este seria seguido por ricos e pobres, multinacionais e os diversos governos.

Outros encontros mundiais foram realizados, como o Eco 92 no Rio de Janeiro, e documentos assinados: o relatório de Brundtland da Comissão Mundial para o Meio Ambiente (Programa da ONU para o Meio Ambiente, 1987) e o Protocolo de Kyoto (1997) para redução da emissão de gases poluentes. Propostas reformistas, insuficientes para resolver o desequilíbrio ecológico mundial. Kyoto sequer foi aceito pelos Estados Unidos, nação responsável por grande parte da devastação e aquecimento global. O próximo grande encontro será a Conferência Mundial sobre Mudanças Climáticas a realizar-se em dezembro de 2009, na Dinamarca, e terá como principal objetivo firmar um acordo internacional que substitua o Protocolo de Kyoto, que expirará em 2012.

Uma das propostas que se desenvolveu nestes eventos e documentos foi a da compensação ambiental, através da qual uma empresa ou país compensaria a degradação provocada ao meio ambiente com um investimento em outra área. Isso originou o mercado dos créditos de carbono, certificados que se recebem quando se comprova a redução da emissão de gases provocadores

do efeito estufa. Países e indústrias poluidoras podem continuar a poluir e, como compensação, compram os créditos de carbono, ou seja, criou-se mais uma fonte de lucro em torno à questão ambiental.

### **A crise social e os interesses econômicos**

Em junho de 2001 ocorreu um incêndio no centro de abastecimento alimentar (Ceasa), na periferia do Rio de Janeiro. O incêndio repetiu-se outras vezes. O comum neles foi o fato de a população (aproximadamente 2 mil pessoas) invadir o local ainda com as chamas acesas para brigar por restos de comida entre fogo e cinzas. Citamos este caso para afirmar que a problemática ambiental não está dissociada do homem e da crise social produzida pelo capitalismo. Não nos satisfaz fazer a defesa da preservação pela preservação. O apelo pela proteção de uma espécie vegetal ou animal perde o sentido se não tomarmos como central a necessidade da solidariedade para com os trabalhadores miseráveis que se alastram pelo mundo.

Mais de dois bilhões de pessoas moram em favelas, três bilhões vivem na pobreza. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), menos da metade da população mundial tem acesso a esgoto sanitário e água potável e até 2030, cinco bilhões de pessoas - 67% da população mundial - estarão sem esgoto. O resultado é a permanência das enfermidades e mortes: 80% das doenças em países subdesenvolvidos relacionam-se à qualidade da água, o que provoca 3 milhões de morte diariamente.

Em nosso planeta, 75% da superfície é coberta por água, mas 97% das águas são salgadas. Dos 3% de água doce, a grande maioria encontra-se em calotas polares, geleiras e lençóis subterrâneos. As águas doces de fácil acesso, localizadas em rios e lagos, principal fonte de abastecimento da população humana, representam apenas 0,007% das águas mundiais. Para a ONU, o acesso à água será o motivo principal dos conflitos armados nos próximos 25 anos.

De acordo com o 3º Relatório da ONU sobre as águas (2009), a agricultura consome 70% do uso dos recursos hídricos do mundo. Evidentemente que isso refere-se, antes de tudo, à grande produção, já que o pequeno agricultor depende quase que exclusivamente do regime das chuvas. Ademais, a produção de 1 kg de carne pode exigir até 4 mil litros de água.

Mas a crise dos recursos naturais e, particularmente dos hídricos, não atinge a todos igualmente. Na África, a média de consumo diário de água fica entre 10 a 15 litros. Este número cresce para 2 mil litros em Nova Iorque. Para Paulo Nogueira Neto, ex-secretário nacional do meio ambiente do Brasil, faltaria energia e alimentação se o padrão de consumo dos EUA fosse estendido aos 7 bilhões de habitantes do planeta. Segundo o relatório da ONG WWF (2008), se o mundo mantiver o atual nível de consumo e degradação ambiental, os recursos naturais do planeta entrarão em colapso a partir de 2030.

Cada vez mais os recursos naturais e o próprio meio ambiente são afetados pelos interesses econômicos capitalistas e, principalmente, imperialistas. A guerra contra o Iraque teve como motivação principal o controle das fontes de petróleo do Oriente Médio pelos EUA. Groelândia, Rússia e Canadá já elaboraram planos para aproveitar economicamente as rotas de navegação que serão abertas com o derretimento do gelo do Ártico. A burguesia russa

## Pontos de vista

---

pretende ganhar bilhões de dólares controlando o trecho que encurtará em milhares de quilômetros a viagem entre Japão e Europa.

O resultado do excessivo domínio da economia capitalista sobre a natureza é o aceleramento das catástrofes ambientais. Em 2008, um terremoto na província chinesa de Sichuan matou aproximadamente 80 mil pessoas. Para Fan Xiao, engenheiro-chefe do Serviço de Mineração e Geologia dessa província, o terremoto foi apressado e intensificado pela construção da represa de Zipingpu, que gerou um peso de 315 milhões de toneladas de água represada justamente na região de uma falha geológica (áreas em que ocorrem os terremotos).

### A lógica da produção capitalista e a degradação da natureza

As conferências e protocolos têm se mostrado insuficientes. Segundo a revista *Proceedings of the National Academy of Science*, entre 2000 e 2004 a produção de CO<sub>2</sub> triplicou quando comparada aos anos anteriores. Para compreendermos o fracasso das proposições de desenvolvimento sustentável e dos encontros e documentos internacionais, precisamos entender a lógica da produção capitalista, cujo resultado gera um polo de riqueza para alguns e outro de miséria para a grande maioria, tal qual demonstrou Marx em *O Capital*<sup>3</sup>. Com o aumento da miséria a população mais pobre tem de ocupar áreas impróprias para a sobrevivência humana: lagos, encostas de morros etc.

E, para aumentar seus lucros, a burguesia tem de aumentar acentuadamente sua produção e fazer com que as pessoas consumam cada dia mais. Nas relações internacionais, isso significa feroz disputa por mercados, fontes de matérias-primas e energia, o que repetidas vezes produz conflitos armados. A corrida intransigente pelo lucro leva a uma universalização acelerada das necessidades, que se traduz em consumo crescente e apropriação intensa da natureza, reduzindo a disponibilidade de recursos naturais, fontes de energia, água e espécies animais e vegetais. Com isso, os ecossistemas ficam mais homogêneos, perdendo sua riqueza e complexidade. Perdem, por conseguinte, capacidade de proteção e auto-recomposição.

Em síntese, o consumo exacerbado, impulsionado pela necessidade de acumulação capitalista, faz com que a velocidade da produção supere em muito o ritmo de recomposição da natureza. Esta diferença gera os problemas ambientais no capitalismo contemporâneo. A natureza é colocada em oposição ao homem, cabendo a este tão somente apropriar-se dela de forma conflituosa. Assim, não é a humanidade que está saqueando a natureza, mas é a burguesia que saqueia o meio ambiente e seu principal componente, o trabalhador. É por isso que 862 milhões de pessoas passam fome constantemente, sendo que em situações de crise os famintos chegam a dois bilhões. Tal qual os animais e plantas, a vida humana está em risco. Comunidades inteiras vivem à beira da extinção: índios, esquimós, tribos africanas, comunidades tradicionais, etc.

Seguindo a lógica do lucro e diante do apelo ambiental que envolve um grande número de pessoas, diversas empresas e bancos adotam o discurso do desenvolvimento sustentável e até realizam algumas ações de proteção ambiental, para o qual contam com o apoio de centenas de ONGs. A questão é que fazem isso buscando consumidores que têm a preocupação de preservar a natureza.

3 Leia o artigo *A crise financeira mundial* (partes 1 e 2), de Alejandro Iturbe, no número 20 da *Marxismo Vivo* e nesta edição, para ter uma compreensão mais ampla da exploração e acumulação capitalistas.



Os investimentos nessas ações são insignificantes perto do capital das empresas, demonstrando que não passam de campanhas de *marketing*. Outras, usando o discurso da responsabilidade ambiental, contratam populações tradicionais para coletar produtos das florestas que servem de matérias-primas para suas mercadorias. Pagam um preço irrisório e ganham muito ao transformá-los em cosméticos, remédios etc. O exemplo mais acabado da diferença entre discurso e prática é o caso dos bancos que, ao mesmo tempo em que fazem propaganda ambiental, financiam projetos agropecuários que avançam sobre as florestas e recursos minerais e hídricos.



Destruição da Amazônia para plantação de soja

### **Amazônia, desenvolvimento sustentável e capitalismo**

No Brasil, 93% da Mata Atlântica já foi devastada e 80% do bioma do cerrado está alterado pela atividade humana. Uma área maior que a França já foi derrubada na Amazônia, o que leva alguns cientistas a afirmar que a floresta pode desaparecer em 30 ou 40 anos. O relatório do Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter) constatou que entre novembro de 2008 e janeiro de 2009, 754 km<sup>2</sup> foram desmatados, área equivalente à metade do município de São Paulo. Frente à redução da floresta, Al Gore, ex-vice-presidente dos EUA, afirmou que, “*ao contrário do que pensam os brasileiros, a Amazônia pertence a todos nós*”. Já o jornal britânico *The Independent* escreveu que “*a Amazônia é muito importante para ser deixada com os brasileiros*”. O que está por trás dessas declarações não é a preocupação com a Amazônia, mas o interesse em seus recursos naturais.

As atividades que mais desmatam são aquelas relacionadas com pecuária, soja e extração de madeira. Em São Félix do Xingu, Sul do Pará, havia 30 mil cabeças de gado em 1997. Em 2007, esse rebanho saltou para 1,7 milhão de bois. O aumento das exportações de soja, estimulado pelo governo brasileiro, tem produzido uma corrida por novas terras, de modo que o agronegócio avança do Mato Grosso para o Pará e Rondônia, particularmente no sentido da BR-163 (Santarém-Cuiabá). O resultado é a derrubada da floresta e o desaparecimento de comunidades de moradores nativos que ficavam nessa região. Qual o destino dessa produção? O gado amazônico, além de abastecer o mercado regional, é vendido para o Sul-Sudeste do Brasil e para o exterior. A soja plantada no norte do Mato Grosso e no sul do Pará serve de ração para o gado europeu. Os países ditos “ecologicamente corretos” criam seus gados confinados porque são alimentados com a soja que derruba as árvores da Amazônia.

As grandes multinacionais da mineração estão explorando em ritmo assustador as imensas reservas minerais da região e os principais laboratórios farmacêuticos mundiais extraem sua biodiversidade para produzir seus produtos. Enquanto o presidente Lula faz discursos “críticos” sobre a

## Pontos de vista

---

devastação, seu governo continua apoiando financeiramente o agronegócio e as multinacionais mineradoras.

### **A crise econômica mundial aprofunda a crise ambiental**

A fome mata mais de 25 mil pessoas por dia no mundo. Para a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), US\$ 30 bilhões anuais seria o investimento necessário para evitar conflitos futuros em torno de alimentos. Isso levaria alimentos a quase 900 milhões de pessoas. Em 2009, com a crise econômica os famintos superarão um bilhão de pessoas.

A *União Internacional para a Conservação da Natureza* afirma que US\$ 1,3 trilhão seria suficiente para proteger os mais importantes ecossistemas mundiais pelos próximos 30 anos. A Comissão Europeia e o governo da Alemanha encomendaram um estudo que concluiu pela necessidade de um investimento anual de US\$ 45 bilhões para proteger os principais rios, mares, montanhas e florestas do planeta. Os pesquisadores que o realizaram também estimaram que a redução das florestas gera um custo anual de 2 a 5 trilhões de dólares por ano, por diminuir a oferta de água limpa e a absorção de CO<sub>2</sub>.

Segundo o relatório da Agência Internacional de Energia, para que se reduzam à metade as emissões mundiais do gás carbônico faz-se necessário investir US\$ 45 trilhões até 2050, ou seja, US\$ 1,1 trilhão por ano. Para a organização Clean Energy todo o carvão e petróleo usados na geração de energia elétrica poderiam ser substituídos por gás natural e fontes de energia renovável a um custo total de US\$ 4,4 trilhões distribuídos em 22 anos. O custo é alto, mas bastante inferior à soma que está sendo injetada nos bancos e empresas por conta da recessão mundial.

No momento em que a atual crise econômica explodiu (outubro de 2008), a organização internacional WaterAid estimou que o abastecimento de água potável e o saneamento básico para 2,5 bilhões de pessoas exigiria um investimento de US\$ 55,7 bilhões, um valor equivalente ao injetado pelo governo britânico em três bancos (Royal Bank of Scotland, HBOS e Lloyds) em apenas um dia, 13 de outubro. “Não há dinheiro para enfrentar a crise ambiental”, é o que dizem os governos imperialistas. Mas somente na semana de 12 a 18 de outubro de 2008 eles injetaram US\$ 4 trilhões para salvar empresas e bancos. A crise econômica mundial desnudou ainda mais o modo de produção capitalista.

Com a crise da economia mundial, as perspectivas sobre o meio ambiente tornam-se mais sombrias. O governo italiano de Silvio Berlusconi, apoiado pela Confederação das Indústrias Italianas (Confindustria), ameaça vetar o plano europeu de ação contra o aquecimento global. Para este governo, os recursos devem destinar-se a responder à crise econômica. Essa é a posição mais explícita. Os demais países fazem discursos sobre preocupação ambiental, mas nos próximos eventos internacionais devem limitar suas metas de investimento ambiental e de redução da poluição. Quem garante que os países que se comprometeram a fornecer US\$ 6,1 bilhões para um Fundo de Investimentos Climáticos do Banco Mundial irão cumprir a promessa?

Para piorar, com a queda dos preços do petróleo, governos e empresas podem abandonar os investimentos em fontes de energia menos poluentes e

aumentar o consumo petrolífero, impulsionando ainda mais o aquecimento do planeta.

### **Socialismo e meio ambiente**

O padrão das sociedades industriais imperialistas, seu consumo e sua produção destroem a multiplicidade das espécies, fazendo com que o ambiente natural, ao se tornar mais uniforme e menos articulado, fique mais sensível aos choques externos, o que pode fazer desaparecer todo o sistema.

Não basta defender a preservação sem ter claro que as questões ambientais só podem ser verdadeiramente compreendidas no plano da luta de classes e antiimperialista. Os ecologistas que não compreendem - ou não o querem fazer - o mundo capitalista, desenvolvem suas propostas apelando à redução do consumo nos países ricos. Buscam “tecnologias limpas”, sem discutir quem controla as tecnologias e os meios de produção. Para eles, o problema estaria na tecnologia e não em sua propriedade privada. Por isso mesmo, financiam seus movimentos ambientalistas com recursos de burgueses “conscientes”. Por fim, acabam transformando as vítimas em culpados: a população miserável e os países subdesenvolvidos estariam saqueando a terra, quando na verdade eles é que estão sendo saqueados.

Se há algo verdadeiramente globalizado é a problemática ambiental. Partículas poluidoras do ar de Los Angeles foram rastreadas e descobriu-se serem originárias da China. Uma ação nos EUA pode interferir na dinâmica das chuvas e do clima na Amazônia ou na África. Uma parte considerável do petróleo que abastece os EUA é produzida na região amazônica. A Venezuela está entre seus principais fornecedores, de modo que o grande consumo de energia norte-americano tem uma de suas origens na floresta tropical sulamericana. Aproximadamente 90% das vítimas de catástrofes ambientais vivem em países subdesenvolvidos. Estes desastres estão cada vez mais relacionados com a produção do lucro capitalista, dominado pelas nações imperialistas.

O capitalismo já provou que é insustentável econômica, social e ambientalmente e que reformas parciais são totalmente insuficientes do ponto de vista ambiental. A catástrofe do meio ambiente não será detida por propostas de um “capitalismo ecológico”, com rosto humano. O sistema não pode superar a crise que provocou, pois isso significaria colocar limites à acumulação capitalista. É preciso travar uma luta sem tréguas contra o capital e as nações imperialistas. Para deter a destruição ecológica, faz-se necessário construir um programa socialista de defesa do meio ambiente.

O dilema entre socialismo ou barbárie vale também para a problemática ambiental. O fim da exploração irracional dos recursos do planeta só pode ser alcançado por um mundo socialista, baseado na propriedade social dos meios de produção e no planejamento econômico que garanta a racionalização da exploração dos recursos do planeta. A revolução socialista não é nossa única possibilidade, mas é a única chance de salvar a vida humana e o meio ambiente. Mais do que isso: a mundialização da problemática ambiental exige uma resposta à altura: revolução socialista mundial, para que o capitalismo deixe de ameaçar o meio ambiente e a vida humana em qualquer parte do planeta.